

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A Produção Jornalística e literária de Bernardo Guimarães: Educação e
Formação da Nação no século XIX**

Matheus da Cruz e Zica*

Resumo: Dentre as várias práticas culturais, uma, em especial, será tomada como base para entendermos o diálogo entre elas no século XIX: a literatura. Mais especificamente, trabalharei com a Obra de Bernardo Guimarães. A idéia é aproximar a crítica literária do autor, escrita em jornal e prefácios, de sua própria literatura com o fim de abordar uma questão central: como, em sua opinião, a formação de uma Literatura Nacional está entrelaçada à formação da própria Nação. Num segundo momento, procuro entender como este ‘projeto’ entrelaçado de construção implica em uma idéia de ‘direção’ ou de ‘formação’ dos leitores. A proposta do autor parece ser a de uma educação não-escolar, mas via literatura e crítica literária.

Palavras-chave: Literatura – Nação – Formação.

Abstract: Amongst the several practical cultural, one, in special, will be taken as base to understand the dialogue between them in XIX century: literature. Specifically, I will work with Bernardo Guimarães’ write production. The intention is to become close the author’s literary critical, written in periodical and prefaces, and his proper literature to approach an important question: how the national literature’s formation is connected to the proper nation’s formation in the author’s opinion. In another way, I also try to understand how this` interlaced ‘project’ of construction implies in a ‘readers’ direction’ intention. The author’s proposal seems to be a not-pertaining to school education, an education through the literature and through the literary critical.

Keywords: Literature – Nation – Formation.

Crítica literária: ‘projeto’ nacional de Bernardo Guimarães?

Como já foi dito no resumo, pretendo abordar o caráter informativo e formativo dos escritos deste autor. Portanto, é necessário que busquemos precisar tanto alguns dados biográficos de Bernardo Guimarães, quanto acerca do que ele entendia ser Literatura e Nação no século XIX. Primeiramente, falemos de nosso escritor.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu em 1825 em Ouro Preto e, também nesta cidade, morreu em 1884. Bacharelou-se em Direito em São Paulo em 1852 quando publicou seu primeiro livro de poesias. Foi professor de Filologia e Língua Nacional em Ouro Preto de 1854 a 1858, foi jornalista na Corte de 1859 a 1861, foi juiz em Goiás de 1861 a

* Mestrado, Faculdade de Educação da UFMG.

1863, e, a partir daí, professor de Retórica e Poética em Ouro Preto, Congonhas do Campo e Queluz. Nesta fase ele publicaria seus romances e só pararia em 1883, um ano antes de sua morte. O recorte temporal das fontes principais, nas quais se baseara este texto, vai de 1852 (primeiro livro publicado) a 1883 (último ano de suas publicações). Quanto ao recorte espacial, ele aqui é definido pela trajetória de vida do autor: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás.

Como já foi citado, além de juiz, professor e escritor, Bernardo Guimarães foi também jornalista no Rio de Janeiro de 1859 a 1860. Ele, Flávio Farnese e Lafayette Rodrigues, todos três mineiros, eram os redatores do jornal A Actualidade. Este impresso semanal se apresentava como de oposição, e discutia sobre política, decisões do Império, literatura e legislação. Além de veicular notícias da Corte, publicava também de outras províncias, e, na maioria das vezes, de Minas Gerais. Todos os seus números estão microfilmados e disponíveis na Biblioteca Nacional, onde tive oportunidade de ler e transcrever vários artigos.

Sua produção literária (e por mim utilizada):

Maurício ou Os Paulistas em São João D'El Rey. (Primeira ed. 1877); *Histórias e Tradições da província de Minas Geraes*. (Primeira ed. 1872); *Índio Affonso*. (Primeira ed. 1873); *O Ermitão de Muquém*. (Primeira ed. 1869); *O Seminarista*. (Primeira ed. 1872); *O Garimpeiro*. (Primeira ed. 1872); *A escrava Isaura*. (Primeira ed. 1875); *Lendas e romances*. (Primeira ed. 1871); *A ilha maldita*. (Primeira ed. 1879); *Rosaura, a enjeitada*. (Primeira ed. 1883); *A Voz do Pagé*. (peça teatral apresentada em 1860);

Poesias Completas (1852-1883). Rio de Janeiro: INL, 1959 (Org. Alphonsus de Guimarães Filho); *Poesia erótica e satírica* (1852-1853). Rio de Janeiro: Imago, 1992 (Org. Duda Machado).

Cumprir falar que a utilização da literatura como uma fonte nem sempre foi bem vinda. Se por um lado a tradição positivista não considerava a literatura como documento, por outro uma tradição marxista vulgar também a maculou relegando-a ao estatuto de produção de elite, e, por isto, não merecedora da atenção dos historiadores. Assim sendo, a literatura só passou a ser vista (ou novamente) como um ‘documento’ por meio da renovação pela qual passou o campo historiográfico nos últimos vinte anos. Na esteira desta renovação, seguimos o caminho de alguns historiadores que já abriram seus olhos para este tipo peculiar de fonte.

Mas voltando ao tema central deste artigo, um tema bastante recorrente na crítica literária de Bernardo Guimarães é a situação de juventude da Literatura Nacional e da própria

Nação. Assim escreveu em 1859, quando ainda jornalista do *Actualidade*, bem antes de escrever seus romances:

*O maior ou menor grau de perfeição, a que tem atingido, dão a medida do grau do vigor e desenvolvimento a que tem chegado uma nacionalidade qualquer.(...)
Entre nós, nação de ontem, as letras também se acham na infância. O espírito nacional, ainda não bem pronunciado, ainda não robustecido por tradições gloriosas de um longo passado, ainda não transparece em nossa literatura de um modo enérgico e original.*¹ GRIFOS MEUS

Depois de vinte anos, Bernardo Guimarães voltaria a conversar com o leitor na forma de crítico literário no prefácio ao seu livro de poesias, “Folhas de Outono”, de 1883. Vejamos como ele via o tema nesta fase de sua maturidade, um ano antes de sua morte:

Parece-me, contudo, que esse sistema crítico-filosófico-positivista, o mais que pode conseguir é abafar, ou amesquinhar a inspiração, suprimir mesmo a poesia, mas nunca criar, nem mesmo dirigir a nascente literatura de uma nacionalidade nova. (...) Creio que os poetas brasileiros, nascidos no seio de uma pátria nova, e cheia de seiva juvenil, não devem ter os olhos incessantemente fixos nas freqüentes evoluções das literaturas cansadas das nações do velho mundo. GRIFOS MEUS

É de se destacar como nosso autor atrela, de maneira interessante, o fazer literário da construção da idéia de Nação, ou ainda, a construção de uma Literatura Nacional conformando a construção da própria Nação. Ele demarca bem o duplo caráter da “cultura das letras” em seu artigo do jornal *Actualidade*: Ela seria tanto “um agente poderoso de civilização”, como também “um sintoma, que revela de um modo brilhante a existência dela”. As letras, segundo ele, tanto “formam e fortificam o espírito nacional”, como também “tornam-se ao mesmo tempo o seu mais belo transumpto”.

Literatura Nacional para ele seria, então, uma ação e, ao mesmo tempo, um painel. Ou seja, seria uma ação, no sentido de construir a Nação Civilizada, e um painel, no sentido de que ali a Nação pode ser vista, acessada, visitada. Além do mais, neste painel, a Nação estaria, não só mais próxima de seus integrantes, como também, representada de uma forma bela e brilhante.

Na verdade, como pudemos ver no trecho de seu prefácio, o Bernardo Guimarães mais velho continua a amarrar a Nação à Literatura, além de ir mais fundo, uma vez que aponta para o potencial de originalidade contido nesta juventude que perpassa as duas. Seria este potencial o grande ponto de partida para a descoberta (ou melhor, construção) da singularidade da Nação brasileira, da sua independência definitiva. E, é importante que se

¹ (Artigo publicado em 01/10/1859, intitulado "Revista Litteraria", no Jornal *A Actualidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 10 – 25 MAIO 1858 / PR - SOR 3755 - ROLO UM.)

frise, seria papel dos mais novos, das “gerações futuras”, como ele mesmo disse, dar asas a esta nova inspiração, distante das “frequentes evoluções das literaturas cansadas das nações do velho mundo”. Isto dito, passemos ao próximo item.

Educação no século XIX: Direcionar os mais novos para uma preocupação nacional

Podemos constatar que no século XIX havia a ausência de uma sociedade já escolarizada. Concomitantemente com as poucas escolas, outras instituições tinham papel fundamental na divulgação da ilustração e na educação da população. Entre outras instâncias estava o jornal que assumia uma importante missão: mais do que a de informar, a de formar os sujeitos.

Como já foi ressaltado em alguns trabalhos, o jornal no Brasil do séc. XIX foi tomado como um veículo de educação, civilização e instrução do povo². Para PALLARES-BURKE (1998:147), sobretudo após a independência nacional, “a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública”.

Bernardo Guimarães, assim como vários editores de sua época, explicitava a intenção de formar o povo e a nação em seu jornal. Demonstrava com muita clareza esta intenção em vários textos publicados, inclusive nos que tratavam de crítica literária. Ele foi perspicaz ao utilizar a crítica literária como um projeto explícito de pensar e propor a construção de uma Literatura Nacional e da própria Nação. Ele, a esse respeito, nos diz:

*Alentar e promover pelos meios a nosso alcance a cultura das letras em nosso país, procurar vulgarizar o gosto literário por meio de uma crítica franca, imparcial, e sincera, constitui também uma das partes da tarefa que tomamos sobre nossos ombros, quando encetamos a carreira do jornalismo. (...) Julgamos que a ela (crítica literária) compete uma tarefa muito ativa, uma missão importante no desenvolvimento literário de um povo. (...) Cumpre quebrar este silêncio, despertar o público dessa profunda indiferença, com que soe acolher os produtos de nossa literatura. – Bons ou maus eles devem ser estudados, e submetidos aos juízos da crítica, para que os talentos inexperientes conheçam os escolhos, que devem evitar, e os modelos, que podem adotar.*³ GRIFOS MEUS

² Ver a este respeito o trabalho de PALLARES-BURKE, Maria Lucia G. “A imprensa periodica como uma empresa educativa no século XIX”. In: *Caderno de Pesquisa*. N.104 p. 144-161.jul. 1998. Ver ainda: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Bernardo Guimarães educador”. In: *Bernardo Guimarães: Literatura e crítica social no século XIX*. UFMG/PUC Rio, 2004. Há duas pesquisas de doutorado em andamento no âmbito do GEPHE que também tocam diretamente este tema: INACIO, Marilaine Soares. *As sociedades políticas e constituição da cultura escolar em Minas Gerais-1830/1840*. UFMG, 2005 e JINZENJI, Mônica Yumi. *O jornal O Mentor das Brasileiras no projeto de ilustração das senhoras brasileiras nas décadas de 20 e 30 do século XIX*. UFMG, 2006.

Somada à preocupação com o direcionamento a ser dado aos futuros escritores, está também presente uma atenção totalmente voltada à formação de uma intelectualidade marcada pela singularidade nacional. Este excerto da mesma crítica é bastante elucidativo:

Nossa excessiva admiração pelos monumentos da moderna literatura da Europa, dessa sociedade colocada em condições diametralmente opostas às nossas, nos tem feito abandonar as próprias inspirações, para entregar-nos ao estudo e imitação de uma literatura, a qual, se bem que rica e brilhante não tem deixado de contribuir para dar uma direção falsa e forçada ao espírito de nossa nascente literatura nacional. GRIFOS MEUS

Este duplo foco – 1) a idéia de formar, de oferecer um modelo; e 2) a de estimular uma nova forma, a brasileira – persistiu na opinião crítica de Bernardo Guimarães. É o que nos mostra seu prefácio, já citado anteriormente, ao livro *Folhas de Outono*, escrito em 1883:

Hoje os grandes modelos, os faróis, que os jovens poetas brasileiros têm diante dos olhos, são Zola e Guerra Junqueiro. Dois ilustres poetas sem dúvida, no gênero que cultivam na sociedade em que vivem, na evolução, que seguem. Mas nós devemos, ou podemos seguir a mesma trilha?... Nosso país é tão diverso, nosso clima tão diferente nossa índole tão divergente, nossos costumes tão outros, nosso estado de nascente civilização ainda tão distanciado desse requinte de poesia real, ou realismo poético, que a escola dos dous ilustres poetas não pode vingiar, nem dar bons frutos na terra de Santa Cruz. Podemos e devemos admirá-los, mas não tomá-los por modelo.

GRIFOS MEUS

Novamente, é perceptível o acento ao tocar em assuntos já por ele tratados em 1859 (no jornal *Atualidade*). Por exemplo, ao falar nos “jovens poetas brasileiros” (portadores do futuro), no seu desconsolo de os verem copiar os europeus e na preocupação com a singularidade brasileira. Mas um trecho merece mais atenção. É muito elucidativa a pergunta que ele lança utilizando o NÓS ao invés de EU: “Mas nós devemos, ou podemos seguir a mesma trilha?”. Ele não se uniu a todos os leitores da crônica nesse instante. O NÓS inclui ali os jovens poetas e o, também poeta, que escreve a crítica. Ao concluir que “podemos e devemos admirá-los, mas não tomá-los por modelo”, o Bernardo Guimarães senil quer ensinar, quer narrar aos iguais uma sabedoria adquirida ao longo de sua viagem feita através do tempo.

³ artigo publicado em 01/10/1859, intitulado "Revista Litteraria", no Jornal *A Actualidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 10 – 25 MAIO 1858 / PR - SOR 3755 - ROLO UM.

Maria Lúcia Pallares-Burke (1998) fala da necessidade de ampliação da noção de educação no século XIX. Para a autora, juntamente com as poucas escolas existentes no período, a produção e circulação de jornais, teatro, revistas e romances teve papel fundamental no processo de transmissão de valores culturais.

Jean M. Carvalho França (1998:91) nos aponta ainda que:

as belas-letas, num país desprovido de instituições que pudessem dar origem a uma sólida e diversificada produção de conhecimento, funcionaram como um importante pólo de agregação da inteligência nacional e, conseqüentemente, como um veículo privilegiado para a expressão daquilo que, a partir do século XIX, passou a ser definido como cultura brasileira.

No caso específico de Bernardo Guimarães, a atividade jornalística e a de romancista teriam se aproximado de forma intensa já que ambas as formas parecem ter sido encaradas, por ele, como meio de circulação e discussão sobre os problemas mais candentes do período o que revelaria uma intenção, tanto de informar, quanto de formar os leitores brasileiros do século XIX.

O que discutir nos romances? A Nação nos ‘painéis’ de Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães tocou em vários assuntos em seus numerosos romances. Em seu livro mais famoso, A Escrava Isaura, pontos de vista diferentes em relação à escravidão são mostrados. Um Brasil fracionado é dado a ver ali, com ambigüidades e problemas a serem resolvidos. O drama apresentado neste romance, bem como na maioria dos outros, brota de dentro de aspectos sociais tipicamente brasileiros da época. Em outras palavras, Bernardo Guimarães apresentou dramas que surgiram no bojo de aspectos singulares da cultura social brasileira do período. É interessante ressaltar que nem por isto seus personagens deixaram de experimentar dilemas considerados mais universais. Muitas vezes dizem respeito a passar por cima de preconceitos para viver um grande amor. Mas estes preconceitos são peculiares da cultura brasileira: Casar com uma escrava? Casar com uma índia? Casar com um índio? Casar com um pobre (criador de mulas ou um garimpeiro)? Acatar os desejos dos pais (seguir os estudos no seminário) ou ir atrás de suas próprias vontades (se casar com a filha de uma agregada da fazenda de seus pais)? Enfim, o autor tem uma maneira interessante de abordar dilemas considerados mais universais por via de experiências vividas sob aspectos muito peculiares da cultura brasileira.

Há ainda um ponto que aproximaria as atividades de jornalista e de literato, no caso de Bernardo Guimarães: a linguagem clara de seus romances. Isto nos induz a pensar na existência de uma estratégia para torná-los mais acessíveis (ao contrário da crítica que interpretou este fato como falta de talento). Existiria, portanto, um paradoxo nos romances de Bernardo Guimarães: Por detrás de uma linguagem quase jornalística, estariam sendo apresentados dramas, tramas e temas muito complexos e de grande relevância para o contexto político-cultural em que eles foram escritos.

Desta forma, à sua maneira, B. G. expôs sua opinião e compartilhou de algumas angústias com seus leitores. Vários intelectuais de seu tempo, assim como ele, foram capazes de criar espaços para suas falas, para fazerem circular seus discursos. Desempenhando papéis de analistas, críticos e propositores se apropriaram e colocaram em circulação um conjunto de saberes que contribuíram para a configuração e conformação de uma cultura política baseada no debate, onde o palco principal eram os jornais.

Referências Bibliográficas

- BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BOECHAT, Maria Cecília. *Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães*. In: CAMBRAIA, César Nardelli & MIRANDA, Jose Américo. ORG. ***Crítica Textual: reflexões & práticas***. Belo Horizonte: FALE, 2004.
- BURKE, Peter. *A História Social da Linguagem*. In: ***A Arte da Conversação***. São Paulo: UNESP, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: Historiador**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger.(Org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COMPAGNON, Antoine. **Demônios da Teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Dossiê Bernardo Guimarães. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte. V.23, n.32, 2003
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

ECO, Umberto. **Sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Bernardo Guimarães: Literatura e crítica social no século XIX**. UFMG/PUC Rio, 2004. (relatório da tese de pos-doutorado)

_____. (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações – Portugal e Brasil**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e & VEIGA, Cynthia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Imagens do negro na literatura brasileira (1854-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Problematizando fontes em história da educação*. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.21, n.2, 99-120, Jul./Dez, 1996.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **O Mundo da Criança: A Construção do Infantil na Literatura Brasileira**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

GUIMARÃES, Bernardo. **Maurício ou Os Paulistas em São João D’El Rey**. Rio de Janeiro: F Briguiet & CIA, 1941. (Primeira ed. 1877)

_____. **Histórias e Tradições da província de Minas Geraes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Primeira ed. 1872)

_____. **Índio Affonso**. Rio de Janeiro: Garnier, sd.

_____. **O Ermitão de Muquém**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. (Primeira ed. 1869)

_____. **O Seminarista**. São Paulo: Atica, 1980. (Primeira ed. 1872)

_____. **O Garimpeiro**. São Paulo: Atica, 1980. (Primeira ed. 1872)

_____. **A escrava Isaura**. São Paulo: Atica, 1980. (Primeira ed. 1875)

_____. *A Voz do Pagé*. In: Cruz, Dilermano. **Bernardo Guimarães (Perfil bio-bibliográfico)**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1914

_____. **Poesias Completas (1852-1883)**. Rio de Janeiro: INL, 1959 (Org. Alphonsus de Guimarães Filho).

_____. **Poesia erótica e satírica (1852-1853)**. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (Org. Duda Machado).

HYMES, Dell. *Posfácio* In: Org. BURKE, Peter & PORTER, Roy. **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. São Paulo: UNESP, 1995. P.431-452

IGLÉSIAS, Francisco. *Monarquia: 1822-1889*. In: **Trajectoria Política do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 111 a 190.

INÁCIO, Marilaine Soares. **As sociedades políticas e constituição da cultura escolar em Minas Gerais-1830/1840**. UFMG, 2005 (projeto de pesquisa de doutorado – em andamento no GEPHE)

JINZENJI, Mônica Yumi. **O jornal O Mentor das Brasileiras no projeto de ilustração das senhoras brasileiras nas décadas de 20 e 30 do século XIX**. UFMG, 2006 (resultado parcial de pesquisa de doutorado – em andamento no GEPHE)

PALLARES-BURKE, Maria Lucia G. *A imprensa periodica como uma empresa educativa no século XIX*. In: **Caderno de Pesquisa**. N.104 p. 144-161.jul. 1998.

PESAVENTO, Sandra. **Historia e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. Rio de Janeiro. Cia. das Letras, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na historia e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**; ensaios sobre a critica da cultura. São Paulo: Edusp, 1994.